

## O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO DISCURSO UNIVERSITÁRIO EM PARNAÍBA-PI: DESVENDANDO MITOS

Ricardo Rayan Nascimento Rocha<sup>1</sup>  
Pedro Lazaro dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma análise sobre como o discurso do desenvolvimento sustentável se configura na fala dos estudantes e graduados de um curso de Bacharelado em Turismo, evidenciando a produção discursiva e sua atividade enquanto prática social de construção da sociedade e a importância de desconstrução de alguns mitos que giram em torno desse modelo econômico ambiental proposto pelo Relatório Brundtland. Para que a análise do discurso fosse realizada, oito estudantes do curso de turismo e dois graduados do mesmo curso foram escolhidos para a composição de uma discussão em grupo focal. Dessa forma, para as análises serem feitas, utilizou-se da abordagem teórico-metodológica faircloughiana e sua teoria social do discurso, que percebe a língua como parte associada à vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais. Os dados foram analisados a partir da categoria analítica Interdiscursividade. A partir disso, percebeu-se que os discursos dos participantes expressam concepções ideológicas sobre desenvolvimento sustentável por meio de negociações de fala, ao ponto de um discurso fortalecer o(s) outro(s) e, ao acontecerem articulações como estas, os participantes priorizam um fator que consideram como o cerne das questões ambientais: o modo de produção capitalista. Por meio deste contexto, é relevante o fortalecimento de um debate sério, histórico e crítico, como métodos de análise, ao ponto de compreender os conflitos que instabilizam o meio ambiente.

**PALAVRAS-CHAVE:** ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. BACHARELADO EM TURISMO. ATIVIDADE TURÍSTICA.

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: ricardo.rayan@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Linguística Aplicada (UNICAMP). Professor Assistente do curso de Bacharelado em Turismo – UFPI campus Ministro Reis Velloso (Parnaíba). E-mail: plsantos@ymail.com

## INTRODUÇÃO

A exploração do homem sobre a natureza, refletida nas problemáticas econômicas, sociais e ambientais, não existe somente a partir da realidade que o rodeia. Desde a antiguidade clássica, dentro de uma noção de degradação da natureza, Platão colocava o homem entre “o que destrói e corrompe, é o mal e o bem, é o que preserva e é útil”, configurando a relação de conflito homem x natureza, mediante o seu trabalho de exploração dos recursos naturais existentes (ALMINO, 2003, p. 26).

No decorrer da crise ambiental e no alarme do mundo sobre o meio ambiente, no qual pesquisadores, ambientalistas, governos e estados pesquisam e procuram uma fórmula de continuar o desenvolvimento desenfreado, porém, de forma não destrutiva, surge o modelo *desenvolvimento sustentável* para conciliar a preservação ambiental e a contínua produção do sistema vigente – o capitalismo. Criado no Relatório Brundtland em 1987, esse termo foi definido como “a prática de atender as necessidades da atual geração, sem comprometer a capacidade das futuras gerações em prover suas próprias demandas” (VIZEU, MENEGHETTI e SEIFERT, 2013, p. 6).

Nesse sentido, a globalização desse conceito na sociedade atual evidencia a necessidade de atenção para com as problemáticas ambientais, seja através da criação de políticas públicas na sua contenção, ou através de iniciativas sustentáveis para a proteção do meio ambiente, isto é, o mundo atual antecedido por um viés anteposto nos discursos chamados de sustentabilidade.

No contexto do turismo como atividade alternativa geradora de emprego e renda, existe uma discussão teórica também alinhada com as noções da sustentabilidade, pois ao lidar com atrativos naturais ambientalmente frágeis, o turismo precisa se “recriar” nessa nova lógica de cuidado com o meio em que se reproduz, ou como afirma Galeno (2014, p. 11), “é importante frisar que o turismo não pode ser a alternativa para se chegar a um desenvolvimento a qualquer custo”.

No entanto, através desse discurso globalizante que se tornou o desenvolvimento sustentável, é interessante refutar sua noção em termos práticos devido à instável discussão que se gera pela falta de materialidade de sua execução na busca da proteção do meio ambiente através da tríade ambiental, social e econômica. Isto ocorre em termos a-históricos, pois não existem análises históricas (e sociais) sobre os processos produtivos que corroboram/corrobোরaram para as atuais problemáticas ambientais.

Todo esse processo de discussão ambiental na busca de se desenvolver o “ambientalmente correto” recai sobre as produções dos discursos da sociedade como forma de legitimação, que constrói e desconstrói na mesma intensidade que é construída e desconstruída pela linguagem, ou seja, a forma dialética da língua enquanto instrumento de construção social. Como afirma Fairclough, este processo pode ser analisado através de uma “dialética entre a linguagem e a estrutura social” (2001, p. 91), ou seja, a globalização do discurso do desenvolvimento sustentável implícita e explicitamente constrói os discursos reproduzidos na sociedade, assim como ela reconstrói o desenvolvimento sustentável, abrindo espaço para novas possibilidades de seus ideais na prática social.

No local de estudo desta pesquisa, o curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso, os discentes possuem uma grade curricular de ensino que comporta diversas áreas e, dentre elas, o meio ambiente é tratado por meio de vários vieses (sustentabilidade, educação ambiental, desenvolvimento sustentável, etc.). Por conta disso, os discursos dos estudantes estão incrustados de concepções acadêmicas sobre o que representa o desenvolvimento sustentável, até pelo fato de o curso ocorrer dentro do município de Parnaíba/PI, cidade que está inserida na Área de Proteção Ambiental – APA Delta do Parnaíba, um dos maiores atrativos naturais da região. Como iniciado, pontua-se que o objeto de estudo desse trabalho engloba o discurso dos estudantes e dos graduados do curso vigente na ocasião da pesquisa.

Assim, como resultado das reflexões preliminares realizadas anteriormente, concebe-se pertinente questionar: “Como o discurso do desenvolvimento sustentável se

configura na fala dos estudantes do curso de Bacharelado em Turismo da UFPI-Parnaíba?”.

A pesquisa de que trata este artigo, que é muito mais extensa e abrangente, utilizou em sua metodologia o viés qualitativo de análise do discurso crítica, conforme explanada por Resende e Ramalho (2009), e abarcou as categorias analíticas Intertextualidade, Representação de Atores Sociais e Interdiscursividade. No entanto, o presente artigo representa apenas um recorte da pesquisa e teve como categoria analítica apenas a Interdiscursividade. Para a análise dessa categoria, realizou-se um grupo focal com oito estudantes e dois graduados do curso de Bacharelado em Turismo referido (que tiveram seus nomes alterados), que foi registrado através de gravador digital e teve sua transcrição posteriormente realizada. As falas transcritas tiveram sua análise complementada com pesquisas bibliográficas/documentais sobre os temas propostos e sobre os assuntos mencionados pelos participantes. Para fim de ilustração, algumas das falas estão reproduzidas adiante.

O questionamento-guia da pesquisa aparece a partir das indagações realizadas por conta dos equívocos do desenvolvimento sustentável e como esse termo reflete-se na produção discursiva da sociedade. Salienta-se também a importância de analisar como vem se propagando o termo do desenvolvimento sustentável no meio acadêmico, em específico, no curso de Turismo no qual os estudantes estão inseridos. Finalmente, a motivação do trabalho também foi fruto do estudo e trabalho destes pesquisadores com o referido curso.

## **HOMEM x NATUREZA**

A superação de uma sociedade pela outra constrói as relações do homem e a natureza através dos moldes de produção que os rege. Assim, de modo a fazer esse recorte histórico, obriga-se recorrer às contribuições filosóficas de Karl Marx e Friedrich Engels, críticos do modo de produção capitalista e que, através de suas teorias, implicitamente, apresentam uma contribuição acerca da relação entre o homem e a natureza.

Para Marx e Engels (1999, p. 7), as sociedades construíram-se a partir da luta de classes:

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos em constante oposição, tem vivido em uma guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada, uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das classes em luta.

A decadência do feudalismo refletiu no surgimento de novas relações sociais dentro da moderna sociedade burguesa, dando novas formas de dominação classistas: burguesia e proletariado. Essa moderna sociedade burguesa, como fala Marx, é resultado da ineficiência do modo de exploração feudal que não atendia mais aos anseios dos novos mercados (MARX; ENGELS, 1999, p. 9). Dessa forma, a busca pela consolidação do modo de produção capitalista no século XVIII na Revolução Industrial, que se iniciou na Inglaterra, acarretou profundamente mudanças nas relações entre o homem e a natureza, tendo aquele como dominador dos recursos naturais desta. Assim, superando a manufatura, o vapor e a maquinaria ganharam espaço na produção industrial, provocando a divisão do trabalho e agregando-a para a lógica do capital.

A partir da relação campo x cidade dentro do modo de produção capitalista, Marx (1996, p. 113 *apud* FREITAS, 2012, p. 42), discorre que:

Com a preponderância sempre crescente da população urbana que amontoa em grandes centros, a produção capitalista acumula, por um lado, a força motriz histórica da sociedade, mas perturba, por outro lado, o metabolismo entre homem e terra, isto é, o retorno dos componentes da terra consumidos pelo homem, sob forma de alimentos e vestuário, a terra, portanto, a eterna condição natural de fertilidade permanente do solo. Com isso, ela destrói simultaneamente a saúde física dos trabalhadores urbanos e a vida espiritual dos trabalhadores rurais. [...] E cada progresso da agricultura capitalista não é só um progresso na arte de saquear o trabalhador, mas ao mesmo tempo na arte de saquear o solo, pois cada progresso no aumento da fertilidade por certo período é simultaneamente um progresso na ruína das fontes permanentes dessa fertilidade.

O distanciamento do homem sobre a natureza, dentro desse modo de produção, reflete-se em uma alienação metabolicamente insustentável dentro da lógica do capital.

Freitas em *A crítica marxista ao desenvolvimento (in)sustentável* recorre a outros autores, complementando da seguinte forma:

Foster (2010) retoma o conceito marxiano de metabolismo homem-natureza (MARX, 1844) e salienta que, mediado pelo trabalho, o homem transforma a natureza e, nesse movimento, também se transforma. O trabalho é um processo entre o homem e a natureza. Um processo em que o homem, por sua própria ação, media seu metabolismo com a natureza. Ao mesmo tempo em que o homem se diferencia da natureza pelo trabalho, torna-se alienado diante do trabalho e em relação à natureza (FREITAS, 2012, p. 43).

Marx também afirma que a natureza é o “corpo não orgânico do homem”:

Dizer que a vida psíquica e intelectual do homem está indissolivelmente ligada à natureza não significa outra coisa senão que a natureza está indissolivelmente ligada com ela mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 1962, p. 62-81 *apud* LOWY, 2005, p. 21).

A noção do homem como anexo natural da natureza contribui na busca pela superação dessa sociedade ao ponto de conceber assim, uma solução para o “antagonismo entre o homem e a natureza” (LOWY, 2005, p. 21). Engels, em seu texto sobre o “Papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, faz uma crítica ao poder predatório do homem sobre o meio ambiente:

Nós não devemos nos vangloriar demais das nossas vitórias humanas sobre a natureza. Para cada uma destas vitórias, a natureza se vinga de nós. É verdade que cada vitória nos dá, em primeira instância, os resultados esperados, mas em segunda e terceira instâncias ela tem efeitos diferentes, inesperados, que muito frequentemente anulam o primeiro. As pessoas que, na Mesopotâmia, Grécia, Ásia Menor e alhures destruíram as florestas para obter terra cultivável, nunca imaginaram que eliminando junto com as florestas os centros de coleta e as reservas de umidade lançaram as bases para o atual estado desolador desses países. Quando os italianos dos Alpes cortaram as florestas de pinheiros da encosta sul, tão amadas na encosta norte, eles não tinham a menor ideia de que agindo assim cortavam as raízes da indústria láctea de sua região; previam menos ainda que pela sua prática eles privavam de água suas fontes montanhasas durante a maior parte do ano (...). Os fatos nos lembram a todo instante que nós não reinamos sobre a natureza do mesmo modo que um colonizador reina sobre um povo estrangeiro, como alguém que está fora da natureza, mas que nós lhe pertencemos com nossa carne, nosso sangue, nosso cérebro, que nós estamos em seu seio e que toda a nossa dominação sobre ela reside na vantagem que levamos sobre o conjunto das outras criaturas por conhecer suas leis e por podermos nos servir dela judiciosamente (ENGELS, 1968, p. 180-191 *apud* LOWY, 2005, p. 22).

De tal forma, o homem está, umbilicalmente, associado à natureza dentre as diversas formas de produção que as sociedades vivenciaram, porém, existe um distanciamento “visceral”, como fala Marx, da natureza na qual o próprio homem pertence.

Justifica-se esse recorte, historicamente falando, do papel do homem mediado pelas relações de produção em que se está inserido, para entender como se dá seu entrelaçamento com o meio ambiente na sociedade atual e o quão equivocada é pensar na sua relação harmoniosa com a natureza, proposta essa do desenvolvimento sustentável, no contexto neoliberal do mundo contemporâneo.

A partir desse contexto apresentado e historicamente situado, é importante conceber a conflituosa relação do homem com o meio ambiente dentro do capitalismo, devido aos contrastes gerados pela atividade de produção. Através dessas contradições que surgem em um determinado momento, as potências mundiais viram-se em um alarme ambiental que precisava ser debatido enquanto problemática a ser solucionada. Agora, o meio ambiente é colocado em pauta e o capital precisou se reproduzir: Surge assim o *desenvolvimento sustentável*.

## **O MITO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

Nesta seção, apresentam-se algumas contribuições teóricas com o propósito de expor as fragilidades e equívocos da materialidade do desenvolvimento sustentável como aporte na salvação dos recursos naturais, na justiça ambiental e na economia desenfreada do mundo atual.

Embora existam variadas conceituações de desenvolvimento sustentável, a mais aceita e difundida é a do Relatório Brundtland, em que é definido como “[...] o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprirem suas próprias necessidades” (CMMAD, 1991, p. 7 *apud* FREITAS, 2012, p. 44). No entanto, existem consideráveis desacordos entre estudiosos a

respeito de como esse modelo será operacionalizado e como a sustentabilidade pode ser mensurada (BANERJEE, 2003, p. 81).

Falar de desenvolvimento sustentável direta (ou indiretamente) remete à desaceleração da economia. Entretanto, essa noção desenvolvimentista é proposta através das abordagens economicistas que refletem nas políticas ambientais atuais defendidas por muitos países “detentores” desse modelo (SILVA, 2010, p. 19).

Banerjee (2003, p. 81) ainda complementa que essa definição de Brundtland não se trata propriamente de uma, mas sim de *slogans*: “Ela é um *slogan* e *slogans*, embora bonitos, não fazem teoria”:

Os discursos sobre a sustentabilidade estão se tornando crescentemente corporativos. Por exemplo, a Dow Jones recentemente lançou o “Índice do Grupo de Sustentabilidade”, depois de uma pesquisa sobre a fortuna de 500 companhias. Uma corporação sustentável foi definida como sendo aquela *que tem como objetivo um crescimento ao longo prazo capaz de integrar oportunidades de crescimento econômico, ambiental e social em suas estratégias corporativas e de negócios* (Dow Jones Sustainability Group Index, 2000 *apud* BANERJEE, 2003, p. 82).

A adequação do mercado mundial aos dogmas do desenvolvimento sustentável em nada compactua com a proteção ambiental, mas sim como estratégia de ser mais uma meta a ser atingida, ou seja, mais um caminho ideológico para o capitalismo se reproduzir. Fernandes e Guerra reforçam essa apropriação mercadológica da sustentabilidade com as seguintes contribuições:

Apesar do enquadramento do Desenvolvimento Sustentável, como uma “descontinuidade estratégica”, que transformaria os “atuais fundamentos econômicos”, o discurso corporativo sobre este não surpreendentemente, promove a atividade empresarial na mesma linha, com exceção da produção “verde”, não sendo possível observar nenhuma mudança radical nas visões de mundo que a orientam. Como Robert Shapiro afirma, longe de ser uma questão fundamentada na emoção ou na ética, o Desenvolvimento Sustentável envolve uma lógica fria e uma racionalidade do mundo dos negócios (MAGRETTA, 1997 *apud* FERNANDES e GUERRA, 2003, p. 83).

Além dessa realidade que coloca em questionamento os pressupostos do desenvolvimento sustentável, faz-se necessário recorrer a sua impossibilidade enquanto



termos concretos de existência. Foladori afirma que as impossibilidades de reversão da crise ambiental estão nas relações sociais e econômicas, historicamente contraditórias:

Não se trata de existir ou não limites físicos; para a prática humana, o problema não é esse, mas de contradições sociais que provocam diferenças de acesso à natureza e que podem conduzir eventualmente, a catástrofes ambientais. Colocar dessa forma o problema significa considerar que as soluções para as questões ambientais não são técnicas, como seriam se o problema fosse de limites físicos. Ao contrário, as soluções são, em primeira instância, sociais. Somente depois de resolver as contradições sociais, as alternativas técnicas ganham sentido (FOLADORI, 2001, p. 137 *apud* SILVA, 2010, p. 23).

Assim, pode-se traduzir que as catástrofes ambientais são também consequências das desigualdades sociais que impossibilitam o acesso equitativo das classes sociais para com a natureza, tendo em vista que, a condução dos recursos naturais advém do trabalho de um grupo dominante e, assim, à sua ação, atribui-se o poder de explorar o meio ambiente.

Banerjee (2003, p. 86) afirma que “a abordagem de Brundtland ao desenvolvimento sustentável, ao objetivar o crescimento econômico, a preservação ambiental e a equidade, simultaneamente, pretende conciliar o inconciliável”. As tomadas de decisões dos ambientalistas, governos e organizações internacionais buscam minimizar as “externalidades” do crescimento econômico do que apresentar maneiras reais por qual o desenvolvimento deve acontecer.

Assim, o viés economicista é tratado como ponto crucial na aplicação do modelo de desenvolvimento sustentável (conceito e operacionalização), colocando em contradição essa apropriação da natureza na equivocada defesa do meio ambiente sem compromisso com a mudança nas crises ambientais atuais. Como pontua Banerjee (2003, p. 89):

A apropriação da natureza e sua transformação em uma fonte de matérias-primas tem sido sempre parte da agenda ocidental de desenvolvimento. A incorporação da natureza ao discurso da modernidade efetuou uma transição desarticulada para os sistemas modernos de produção nos quais a natureza foi objetivada e reinventada à imagem do capital como um fator de produção (O’CONNOR, 1994) ou como produto nela mesma, para ser embalado, vendido e consumido, como pode ser visto na crescente popularidade do “ecoturismo” entre os consumidores ricos.

Nesse sentido, o turismo através do ecoturismo enquanto atividade econômica alternativa e ator responsável na potencialização de sua atividade em ambientes naturais (e comunidades tradicionais), também reflete os preceitos do modelo de desenvolvimento sustentável na medida em que a globalização do alarme mundial “a favor” do meio ambiente implica em uma nova realidade em termos políticos, sociais, econômicos e ambientais.

## **O DISCURSO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL ARTICULADO: INTERDISCURSIVIDADE**

Como um modo de observar como a conceituação do termo “desenvolvimento sustentável” se configura no discurso dos envolvidos no estudo, mais especificamente, no âmbito acadêmico, fez-se um recorte de análise com base na Teoria Social do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001), utilizando-se da categoria analítica Interdiscursividade.

As variadas concepções existentes nos discursos funcionam como a representação do mundo através de suas perspectivas. Nesse sentido, Resende e Ramalho (2009, p. 72, grifo no original) salientam que “a heterogeneidade de um texto em termos da articulação de diferentes discursos é chamada de *interdiscursividade*”. A forma como o mundo é significado nas falas, ou seja, nos momentos discursivos, possibilita entender que inúmeras forças ideológicas corroboram posicionamentos conceptivos de um texto.

Continuando com as contribuições de Resende e Ramalho:

A identificação de um discurso em um texto cumpre duas etapas: A identificação de que partes do mundo são representadas (os “temas” centrais) e a identificação da perspectiva particular pela qual são representadas. As maneiras particulares de representação de aspectos do mundo podem ser especificadas por meio de traços linguísticos, que podem ser vistos “realizando” um discurso (2009, p. 72).

Com isso, pode-se justificar a escolha dessa categoria analítica como ferramenta de análise dos dados do objetivo do estudo desse trabalho, pois a partir da percepção de

como os discursos são negociados, liderados e suas representações sobre o mundo que, inicialmente, a pesquisa será direcionada.

Nessa categoria analítica, a análise do discurso dos participantes do grupo focal, de início, reflete a dissociação entre o desenvolvimento sustentável e o modo de produção capitalista, onde esse é o “vilão” ao ponto de não permitir a existência na prática daquele. Essa noção é resultado, principalmente, da ausência de uma proposta de ruptura com o atual sistema vigente, tal como Banerjee afirma que “ao invés de representar a quebra de um paradigma teórico, é subsumido sob o paradigma economicista dominante” (2003, p. 76). Questionados sobre suas concepções acerca do que representa desenvolvimento sustentável, os discursos presentes convergem-se onde os participantes, Rafael e Felipe, apresentam claramente essa visão:

Rafael: *“Daí vem uma questão mais capitalista que se apodera da função do desenvolvimento sustentável que na verdade é fazer com que as pessoas usem os recursos naturais existentes de uma forma que garanta que as futuras gerações possam também usufruir no futuro”.*

Junior: *De formas a garantir, como o Rafael falou, enfim, um mundo melhor para essas gerações futuras, só que vivemos em um modelo capitalista onde circulam informações muito rápido, onde existe um consumismo exacerbado, onde as pessoas pegam e consomem e não se importam com o outro.*

Felipe: *“Como que falaram do capitalismo: O capitalismo é um jogo de marketing, que ele sabe fazer o marketing para o desenvolvimento sustentável não acontecer, pois ele induz a você comprar, comprar, comprar e jogar fora e não saber reutilizar esse jogar fora e eu acho que esse conhecimento do marketing deveria fazer com que o desenvolvimento sustentável exista”.*

Percebe-se que na fala do participante Rafael, o desenvolvimento sustentável é vítima do capitalismo, sendo que o primeiro está inserido no segundo e que foi concordado pela fala do participante Junior, porém, contribuindo com a percepção do capitalismo no seu sentido de promover informações ideológicas (mídia) como fator de promoção do consumo exacerbado. Por fim, a fala do participante Felipe em consonância com as falas anteriores, reforçando a dissociação do capitalismo com o desenvolvimento sustentável, afirmando sua credibilidade na mesma mídia para tornar o desenvolvimento sustentável como algo tangível e que, por conta do capitalismo, esse

modelo conciliatório entre a contínua produção e o meio ambiente não existe na materialidade.

No entanto, Fernandes e Guerra (2003) refutam essa ideia ao ponto que considera indissociável a globalização do desenvolvimento sustentável dentro da noção hegemônica do capitalismo no seu fim estritamente econômico.

Os ideais do desenvolvimento sustentável, no sentido econômico, social e ambiental, apresentam políticas e posicionamentos que partem estritamente do viés econômico enquanto modelo desenvolvimentista e, por si só, equivoca-se ao ponto que propõe um modelo econômico/ambiental dentro do mesmo sistema que ocasionou as atuais crises ambientais – o modo de produção capitalista.

Continuando as análises, nas falas dos participantes Henrique, Junior e Cesar, o desenvolvimento sustentável, embora seja apontado como um modelo de preservação do meio ambiente, é entendido como políticas que não têm como findar a poluição:

*Henrique: “Eu, às vezes, escuto as pessoas dizerem que não acreditam em desenvolvimento sustentável e eu até chego a dar um certo quê de razão a elas, porque o desenvolvimento sustentável, na verdade, não acaba totalmente com a poluição ou até qualquer problema que seja, ele apenas reduz”.*

*Junior: “E hoje nós sentados aqui, com essa luz ligada, com o ar condicionado funcionando, isso já gera um fato que não é nenhum pouco sustentável, então não existe como eliminar totalmente os impactos”.*

*Cesar: “Então, se for analisar a palavra desenvolvimento, eu acho que é algo que está por vir ainda, está no campo das ideias, alguém fala: Ah tem que ser justo para todos os lados, tem que ser ambientalmente correto, causar o mínimo de impacto, mas eu acho que isso não vai acontecer nunca, o máximo que se pode acontecer é desenvolver uma atividade que seja mais sustentável concordando com o Henrique que essa atividade pode minimizar o máximo que a atividade propõe, que se for para preservar tudo, ninguém existe, qualquer atividade vai denegrir o meio ambiente”.*

Nas falas anteriores, os discursos dos participantes que contextualizaram sobre o que é desenvolvimento sustentável, entendem que embora seja um modelo sistêmico que preserve o meio ambiente, ainda assim, irá gerar impacto negativo. Nesse contexto, existe concordância entre as três falas e principalmente, liderança da fala do Henrique sobre as outras.

Silva situa-se nas contribuições de Montibeller (2004) e Foladori (2001) acerca das limitações do desenvolvimento sustentável da seguinte forma:

Montibeller (2004), por sua vez, assume a mesma posição de Foladori (2001) ao captar que o *desenvolvimento sustentável* representa uma mudança radical da relação sociedade/natureza que passa pela economia e pela forma de fazer política. O seu entendimento é que, a longo prazo, o problema poderá ser amenizado, mas não resolvido na sociedade capitalista (SILVA, 2010, p. 21).

Ao se pensar na crise ambiental, percebe-se a carga de responsabilidade das principais potências mundiais com esse processo de exploração dos recursos naturais. Nesse contexto, as falas dos participantes Sarah, Henrique, Felipe e Diego (Esses trechos de fala também irão exemplificar a categoria analítica *Representação de Atores Sociais* mais adiante) reforçam a responsabilidade dos Estados Unidos como país hegemônico e poluidor do meio ambiente:

Sarah: ***“O consumo de um cidadão americano, já pensou se todas as pessoas do mundo consumissem como eles, como que seria, como a terra estaria?”***

Henrique: ***“É. O EUA e a China, os dois sozinhos são os mais responsáveis por mais de 50% da poluição mundial”***.

Felipe: ***“Agora que chegou 2014, eles fizeram um plano de redução de empresas que emitem gases de carbono, só por conta do processo da ECO92 de lá atrás”***.

Diego: ***“A ECO92 faz mais de 20 anos...”***.

Como se pode perceber, o questionamento da fala da participante Sarah corrobora as falas seguintes, tornando comum a noção de hegemonia americana sobre o mundo e seus impactos negativo-ambientais. Conforme aponta Giddens (1991, p. 69 *apud* RESENDE e RAMALHO, 2009, p. 95), “a globalização é a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”.

Nesse sentido, os EUA, historicamente, corroboram o papel de querer dominar o mundo através de seu imperialismo e isso se dá nas tentativas de sustentar o seu poder hegemônico, por meio de guerras e/ou pela propagação da noção de “progresso” e “desenvolvimento” como aporte na invasão e tomada de países em nome do poder e do capital. Como citado, os EUA se recusaram a assinar a Convenção da Biodiversidade que fez parte de um dos documentos mais relevantes do ECO-92, além de refutar o acordo

que se referia a reduzir a emissão de poluentes na atmosfera. A China, por sua vez, ocupa o 2º lugar no sentido de abuso na poluição ambiental.

É importante evidenciar o estereótipo de poder sobre o mundo que o EUA detém nas concepções dos estudantes e graduados do curso de Turismo. Isso se dá de uma forma negativa, principalmente pelas crises ambientais que indiretamente revelam os países que se posicionam contra o alarme mundial sobre o meio ambiente. Porém, reforça a legitimidade das noções do desenvolvimento sustentável na salvação da natureza e, como já foi falada, essa noção está inclusa no mesmo sistema político-econômico que o país citado, a todo o momento, sustenta e reproduz.

Nos discursos seguintes, é perceptível como os participantes Diego e João recorrem a uma relação conflituosa Homem primitivo x Sociedade atual:

*Diego: "Na minha visão de ecologicamente sustentável, os índios nativos do Brasil tinham uma vida sustentável, pois eles tinham tudo e viviam o dia a dia e nada de acumular".*

*João: "Ele tocou num ponto interessante... Ele disse que os índios tinham uma ação sustentável, pois se for comparar com nossas ações hoje, eles eram sustentáveis... Mas sabemos que os índios eram nômades, certo? Produziam, matavam, faziam colheitas e quando a terra não dava mais, eles faziam o quê? Migravam para uma área e produziam um novo desmatamento para suprir suas necessidades, só que aí é o que se diferencia, pois eles produziam por conta de uma necessidade alimentar...".*

Historicamente, as tradições indígenas de uso da terra compreendem-se a partir de um modo de subsistência que tinha como finalidade a sua sobrevivência, de seus modos de vida e costumes locais e não possuía um interesse de acúmulo de recursos naturais e nem de uso mercantilista, característica essa que não corresponde à sociedade industrial capitalista, surgida em meados do século XVIII. As considerações de Marx sobre essa relação homem x natureza salienta que:

Dizer que a vida psíquica e intelectual do homem está indissolúvelmente ligada à natureza não significa outra coisa senão que a natureza está indissolúvelmente ligada com ela mesma, pois o homem é uma parte da natureza (MARX, 1962, p. 62-81 *apud* LOWY, 2005, p. 21).

Ou seja, umbilicalmente o homem está associado à natureza a partir do momento que a torna instrumento de trabalho, geração de renda e fonte de realização de seus desejos, porém, os interesses trabalham unicamente em nome do acúmulo de capital, referenciando um dos dogmas das políticas neoliberais do capitalismo para com os recursos naturais do meio ambiente.

Nesse sentido, os discursos dos participantes Diego e João representam o contrassenso entre o modo de apropriação da terra pelos índios e pela sociedade industrial, onde este vê o meio ambiente como fim de geração de lucro e “desenvolvimento” (progresso), enquanto aquele entendia os recursos naturais como forma de sobrevivência. Além disso, um discurso concorda e reafirma o que o outro diz, apresentando exemplificações que legitimam a fala do participante João.

No decorrer da realização do grupo focal, foi questionado sobre onde aprenderam as noções de desenvolvimento sustentável que foram apresentadas anteriormente. Os discursos dos participantes, a todo o momento, refletem uma concordância entre as falas e principalmente, contradições quanto à aplicação do modelo de desenvolvimento sustentável na preservação do meio ambiente.

Nesse sentido, a fala do participante Rafael apresenta uma contradição quando opina sobre sua noção e aprendizado quanto ao desenvolvimento sustentável:

*Rafael: “Bom, primeiro contato que eu tive foi na academia, acho que com o Professor X, foi ele quem abriu a porta de muitos para conhecer o termo e esse termo vem se acumulando esses vários meses que eu tenha estudado e quando entrei no PET/UFPE<sup>3</sup>, me aprofundei no termo, comecei a pesquisar e fazer algumas produções de artigos **que me levou a ver e a descrever nessa noção de desenvolvimento sustentável. Porém, no trabalho, desenvolvemos algumas pesquisas e comprova que poderia sim, ser aplicada em algumas pequenas comunidades, de uma forma micro você consegue implantar o desenvolvimento sustentável. Recentemente, já desenvolvi duas outras pesquisas dentro dessa área e é uma coisa que não cremos, mas vemos que dá certo, mas quais são os embargos e empecilhos... A própria organização da sociedade, a própria política de incentivo, a falta de profissionais que queiram oficializar e colocar em prática tudo isso. No mais, acho que é um termo que deve mais ser direcionado a novas gerações que estão se iniciando no Brasil e no mundo também, uma questão mais de ética de proporcionar educação**”*

<sup>3</sup> O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa do Governo Federal que mantém grupos de educação tutorial em cursos de graduação de universidades públicas de todo o Brasil. Esses grupos, chamados de “grupos PET” se orientam, no desenvolvimento de suas atividades, pelo princípio entre ensino, pesquisa e extensão.

*ambiental às crianças e aos jovens uma interação maior com a comunidade, com a natureza, afim de esse contato sirva de estímulo a eles mesmos, desenvolverem técnicas produtivas mais sustentáveis”.*

Nos trechos “*que me levou a ver e a descrever nessa noção de desenvolvimento sustentável*” e “*Porém, no trabalho, desenvolvemos algumas pesquisas e comprova que poderia sim, ser aplicada em algumas pequenas comunidades, de uma forma micro você consegue implantar o desenvolvimento sustentável*”, fala que com seus estudos começou a perder a credibilidade quanto a esse modelo político-ambiental, mas que em uma visão micro, ele acontece e complementa essa linha de raciocínio com o trecho “*é uma coisa que não cremos, mas vemos que dá certo*”. Finalizando, no trecho “*No mais, acho que é um termo que deve mais ser direcionado a novas gerações que estão se iniciando no Brasil e no mundo também, uma questão mais de ética de proporcionar educação ambiental às crianças e aos jovens uma interação maior com a comunidade, com a natureza, afim de esse contato sirva de estímulo a eles mesmos, desenvolverem técnicas produtivas mais sustentáveis*”, o participante apresenta uma explanação geral de perspectiva do desenvolvimento sustentável e que claramente, entra em contradição com os trechos anteriores, sendo que para o participante, ora existe, ora não existe.

Nesse quesito, Fairclough pontua que:

As origens e as motivações imediatas da mudança no evento discursivo repousam na problematização das convenções para os produtores ou intérpretes, que pode recorrer de várias formas [...] Tais contradições, dilemas e entendimentos subjetivos dos problemas em situações concretas têm suas condições sociais em contradições e lutas estruturais nos níveis institucional e societário (FAIRCLOUGH, 2001, p. 56).

Tais contradições representadas no discurso do participante Rafael são resultado das contradições existentes no diálogo acadêmico e social sobre desenvolvimento sustentável, sendo que esses fatores partem principalmente da ausência de empirismo do modelo econômico/ambiental discutido, corroborando na sua conflituosa explanação: ora positivo, ora negativo.

No discurso da participante Juliana, existe uma concordância com o discurso do participante Rafael, analisado anteriormente, no qual compactua o aprendizado sobre



desenvolvimento sustentável dentro do meio acadêmico, especificamente, no curso de Turismo:

Juliana: *“Também, na universidade, é... Quando eu fiz o curso técnico, eu nunca estudei a fundo desenvolvimento sustentável. Já aqui eu vi essa questão de educação ambiental, de unidades de conservação, preservação do meio ambiente, mas a questão de sustentabilidade em si eu não tinha visto, mas quando entrei na academia, comecei a ter mais contato com a ideia de desenvolvimento sustentável, antes disso não me recordo”.*

Em específico ao tema desenvolvimento sustentável, discutido nesse trabalho, o curso de Bacharelado em Turismo do Campus Ministro Reis Velloso – CMRV da Universidade Federal do Piauí – UFPI possui em sua grade curricular, as disciplinas *Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável*; e *Biodiversidade Brasileira e Ecoturismo*. Além de projetos de pesquisa e extensão como o *PET-TURISMO* que atuam diretamente com noções de sustentabilidade associada ao turismo, difundidas pelo alarme mundial através das discussões que deram criação ao desenvolvimento sustentável. Além disso, apresenta outros campos de estudo que complementam e agregam à noção de desenvolvimento sustentável. Vemos isso nos trechos “educação ambiental”, “de unidades de conservação”, “preservação do meio ambiente”, embasando uma noção geral de sustentabilidade.

Questionados sobre quem se beneficia com o desenvolvimento sustentável, os discursos dos participantes entraram em discordância, gerando variadas perspectivas sobre o termo. Junior: *“Eu acho que quem ganha muito com o desenvolvimento sustentável são as próprias empresas, as próprias corporações”.*

Em sua fala, o participante Junior afirma a apropriação desse termo pelas grandes empresas que administram o meio ambiente. Nesse quesito, a fala do participante Rafael discorda com a seguinte afirmação. Rafael: *“Mas isso é o marketing sustentável e não é o desenvolvimento sustentável”.*

Essa discordância parte do posicionamento no qual um discurso revela sua ideia onde as corporações apropriam-se do discurso da sustentabilidade para empreender, enquanto que o outro entende essa apropriação como uma não definição do que de fato, beneficia o desenvolvimento sustentável. É importante salientar que o participante

Rafael, novamente, reforça suas contradições na mudança discursiva sob a contradição existente quanto à aplicação no mundo desse modelo de desenvolvimento.

Já os discursos dos participantes Cesar e Andre corroboram o pensamento de Junior, discurso anterior que apresenta o real compromisso economicista das grandes corporações para com o meio ambiente:

*Cesar: "Quem é que mais dá patrocínio em editais? Natura, Petrobrás, etc."*

*Andre: "Quem ganha mais com essa bandeira de sustentabilidade são as empresas de grande porte como a CORTEZ, a empresa que fez a estrada para a Pedra do Sal tinha o ISO 14.001 (ISO da sustentabilidade), ganhou esse selo internacional por conta da ÔMEGA (Empresa Alemã) que a escolheu como a empresa mais sustentável para fazer o trabalho com a usina eólica".*

Fernandes e Guerra (2003) destacam sobre a reprodução desse discurso corporativista do desenvolvimento sustentável:

Os discursos corporativistas sobre a sustentabilidade produzem uma elisão que desloca o foco da sustentabilidade global planetária para a sustentabilidade das estratégias de crescimento das corporações. O que acontecerá se os problemas sociais e do meio ambiente não resultarem em "oportunidades de crescimento" permanece obscuro, se é aceito o pressuposto de que a sustentabilidade global pode ser alcançada através das trocas de mercado (BANERJEE, 2003, p. 83).

Essa apropriação da classe dominante sobre o discurso da sustentabilidade recorre a uma problemática da universalização da noção de desenvolvimento sustentável a nível global ultrapassando as especificidades de cada localidade a ser "inserido" o modelo citado em nome da reprodução do capital. Além disso, corporações como a Petrobrás e Natura, empresas citadas pelo participante Cesar, ganham o título "sustentável" fortalecendo a noção economicista do termo e de como esse jargão é difundido a nível nacional e internacional, quanto ao poder público e privado.

O *slogan* da sustentabilidade virou prefixo das empresas, questionando a real efetividade do desenvolvimento sustentável na proteção do meio ambiente. A empresa Ômega Energia, citada na fala anterior, atua na contínua construção de uma Usina Eólica na Praia da Pedra do Sal, que faz parte do município de Parnaíba/PI e é alvo de muitas controvérsias para com sua relação com os moradores da Praia, pois conforme a

vivência e observação desse local, os moradores ainda não possuem energia elétrica em suas moradias. Daí, faz-se o seguinte questionamento: Energia sustentável para quem?

Em consonância com o discurso do participante André, a empresa Omega Energia discorre sobre seu compromisso socioambiental<sup>4</sup>:

O compromisso com a excelência e sustentabilidade nos negócios também é progressivo e atinge a seleção de fornecedores da Omega. A empresa definitivamente prioriza a contratação de empresas com níveis avançados de ISO (*International Organization for Standardization*) e com programas de segurança do trabalho, governança corporativa e qualidade de vida para seus colaboradores, já que este contingente representa milhares de empregos gerados por seus empreendimentos pelo País.

Importante destacar como essa relação da empresa com a sustentabilidade entra em conflito no discurso do participante a partir do momento em que essas grandes corporações são tidas como sustentáveis somente pelo fato de possuírem a *International Organization for Standardization* - ISO da sustentabilidade, quando na verdade não existe praticidade quanto às melhorias da comunidade local e à preservação do ambiente natural dos moradores da Pedra do Sal.

Finalizando a categoria analítica Interdiscursividade, na qual existe reprodução e reafirmação de uma fala pela outra, os trechos seguintes do discurso do participante João apresentam uma opinião geral sobre quem se beneficia com o desenvolvimento sustentável, sendo evidente a legitimação ideológica através da racionalização e universalização, às quais Thompson afirma que “relações de dominação são apresentadas como justas e dignas de apoio” (1995, pp. 81-9 *apud* RESENDE e RAMALHO, 2009, p. 50).

João: *Só pegando um gancho com os meninos que falaram em relação a empresas que se beneficiam com o DS, aí vem aquela questão, isso é lei de compensação: Por exemplo, a Petrobrás financiou ONGs locais com projetos, e é bem melhor que eles colaborem e terem essa compensação, pois se for parar pra ver, centenas de empresas que não ligam para o meio ambiente*. (Legitimação= Racionalização).

<sup>4</sup> PRINCÍPIOS DA SUSTENTABILIDADE. Disponível em: <http://www.omegaenergia.com.br/sustentabilidade #sustentprincipios>. Acesso em 19 de outubro de 2014.

João: “Com essa questão de ganhos, temos que ver o seguinte, tem que pensar que todo mundo, independente de ser empresariado, aluno e setor público, **pois quem ganha na verdade é o ser humano e a natureza também**”. (Legitimação= Universalização).

Na fala do participante, o exemplo citado tem como papel apresentar positivamente a participação de empresas/corporações na luta pelo meio ambiente, sendo que, mesmo que ela polua, seus impactos negativos são naturalizados caso a empresa faça a justiça ambiental através de financiamentos de projetos ambientais. No outro trecho, existe uma generalização do desenvolvimento sustentável e sua ação sobre o mundo, o ser humano e natureza.

No trecho “*Por exemplo, a Petrobrás financiou ONG’S locais com projetos, e é bem melhor que eles colaborem e terem essa compensação, pois se for parar pra ver, centenas de empresas que não ligam para o meio ambiente*”, existe uma legitimação por racionalização, que Thompson (1995, pp. 81-9 *apud* RESENDE e RAMALHO, 2009, p. 52) conceitua como “uma cadeia de raciocínio que procura justificar um conjunto de relações”.

E no trecho “*Pois quem ganha na verdade é o ser humano e a natureza também*”, o participante universaliza os benefícios do desenvolvimento sustentável. Thompson (1995, pp. 81-9 *apud* RESENDE e RAMALHO, 2009, p. 52), através da legitimação por universalização fala em “interesses específicos que são apresentados como interesses gerais”.

Nos discursos dos participantes Rafael e Cesar, existe uma discordância sobre o englobamento do desenvolvimento sustentável e sua relação com o turismo:

Rafael: “*Desvincular o ambiente do desenvolvimento sustentável, pois tem outros aspectos. Por isso, o turismo é um importante meio para regulamentar tudo isso e trazer ideias mais práticas*”.

Cesar: “*Mas estamos inseridos no meio ambiente...*”.

Na divergência discursiva onde se propõe um distanciamento entre o ambiental e o social, Silva afirma que:

Se tratarmos os problemas ambientais separadamente dos problemas sociais, agimos de forma ingênua. As causas da crise não se encontram na natureza, mas nas relações que a sociedade estabelece com ela, sendo, portanto, mais adequado pensá-la em termos de questão socioambiental (2010, p. 20).

Essa noção de dissociação do desenvolvimento sustentável do seu sentido ambiental se dá principalmente pelo fato de que o alarme ambiental do mundo concebe suas problemáticas desvinculadas do contexto social e econômico. Importante destacar que o econômico, social e ambiental estão totalmente interligados de forma umbilical ao ponto que o desequilíbrio ou tentativa de resolver os impactos negativos de um fator reflete nas mudanças dos outros.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Tem-se a necessidade de discussão do desenvolvimento sustentável em nível acadêmico e, principalmente, nos cursos de Turismo, haja vista o quão ideológico pode se construir um discurso com suas possibilidades, no fortalecimento de concepções. Além disso, entende-se como relevante a desconstrução do discurso do desenvolvimento sustentável enquanto aparelho ideológico empresarial do mundo contemporâneo e, em específico, na atividade turística para construir concepções discursivas que findem relações de dominação, como por exemplo, comunidades tradicionais que recebem o turismo e, com o discurso sustentável, têm seu modo de vida local impactado negativamente.

Dessa forma, conceber a imaterialidade do desenvolvimento sustentável e perceber que o cerne das problemáticas ambientais advém do modo de produção vigente pode resultar, possivelmente, em uma construção de sociedade que se proponha a rupturas e transformações, fator esse tão distante da pauta ambientalista do mundo contemporâneo. O papel da academia, nesse sentido, fortalece o pensamento crítico e transformador do pesquisador, para com sua responsabilidade social enquanto vanguarda.

Embora o trabalho presente entenda a teoria social do discurso na sua funcionalidade social e linguística, a pesquisa presente buscou uma maior atenção para

com as teorias sociais na sua articulação de análise do discurso, enquanto a linguística não foi tão aproveitada. Porém, reitera-se a sua importância na identificação do discurso enquanto linguagem que transforma e se constrói socialmente.

Na categoria analítica interdiscursividade, conclui-se que os discursos dos estudantes e graduados em Turismo participantes da presente pesquisa apresentam marcas ideológicas acerca do desenvolvimento sustentável, através de negociações na fala, no qual um discurso lidera e corrobora na pronúncia dos outros. Ao acontecer esse tipo de articulação, existe uma prioridade em discorrer na crítica ao modo de produção capitalista, através da articulação de diversos pontos que problematizam o consumo exacerbado e a globalização desse modelo econômico/ambiental. Além disso, os discursos apresentados quando articulados, apresentam tangíveis contradições ao ponto de concordar e discordar ao mesmo tempo do que representa o desenvolvimento sustentável. Isso é problemático, pois reflete a própria ausência de materialização nos dias atuais dessa conciliação entre economia, sociedade e meio ambiente em um desenvolvimento só, como esse proposto.

A fim de conclusão, os discursos que foram articulados, intertextualizados e representados, possuem importância no sentido de proporcionar uma reflexão geral sobre o desenvolvimento sustentável como fator que precisa ser discutido seriamente na construção de políticas ambientalistas. É necessário que, de fato, se proponha barrar as crises ambientais, mas principalmente, que se parta de uma análise materialista-histórica do que ocasionou/ocasiona os atuais mártires do meio ambiente, ou seja, o modo de produção atual, pois só assim existe o fortalecimento de um debate sério, histórico e crítico para, assim, eliminar as contradições do capital, que a cada dia, ideológica e hegemonicamente, mercantiliza os ideais da sustentabilidade.

## SUSTAINABLE DEVELOPMENT IN ACADEMIC DISCOURSE IN PARNAIBA-PI: UNVEILING MYTHS

### ABSTRACT

The aim of this paper is to present an analysis on how discourse on sustainable development is represented in the speech of undergraduate students of a Bachelor of Science degree in Tourism, showing the discursive production and its activity as social practices in the construction of society, and the importance of deconstructing some myths that surround such economical and environmental model as proposed by the Brundtland Report. In order to carry out a discourse analysis, eight undergraduate students of the degree course and two already graduated participants from the same course were chosen to make up a focus group discussion. In such a way, Fairclough's theoretical and methodological approach alongside his social theory of discourse was used so that language can be perceived as an associated part of social life and is dialectically interconnected to other social elements. Data were analyzed based on the category Interdiscursivity. After that, it was noticed that the discourses of the participants express ideological concepts about sustainable development through negotiating speech as much as one discourse ends up strengthening other(s) and, when such articulations happen, participants prioritize a factor that they consider as being central to environmental issues: the capitalist mode of production. Through such contexts, it is relevant to fortify serious, historical and critical debates as analysis methods so that conflicts that make environment unstable may be understood.

**KEYWORDS:** CRITICAL DISCOURSE ANALYSIS. SUSTAINABLE DEVELOPMENT. BACHELOR DEGREE IN TOURISM. TURISTIC ACTIVITY.

### REFERÊNCIAS

ALMINO, João. A Filosofia política do ecologismo. In: FERNANDES, Marciolina; GUERRA, Lemuel. **Contra discurso do desenvolvimento sustentável**. UNAMAZ. Belém, 2003.

BANERJEE, Subhabrata B. Quem sustenta o Desenvolvimento de Quem? O Desenvolvimento Sustentável e Reinvenção da Natureza. In: FERNANDES, Marciolina; GUERRA, Lemuel. **Contra discurso do desenvolvimento sustentável**. UNAMAZ. Belém, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

FREITAS, Rosana de Carvalho Martinelli; NUNES, L. S; NÉLSIS, C. M. A crítica marxista ao desenvolvimento (in) sustentável. **Revista Katál**. Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 41-51, jan./jun. 2012.

GALENO, Luciano Silva. **Ecoturismo como possibilidade de desenvolvimento na comunidade dos Tatus, no município de Ilha Grande - PI.** Monografia. Universidade Federal do Piauí. Curso de Bacharelado em Turismo. Parnaíba, 2014.

LOWY, Michael. **Ecologia e Socialismo.** São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS. **O manifesto comunista (1848).** Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica.** São Paulo: Contexto: 2009.

SILVA, Tarcísio Augusto Alves da; LIMA, Laíse Soares. **Desenvolvimento sustentável: um debate sobre as suas impossibilidades.** Revista Científica do IFAL. v. I, nº 1, jul./dez, 2010.

VIZEU, Fabio; MENEGHETTI, Francis K; SEIFERT, Rene E. **Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável.** Caderno EBAPE, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 569-583. 2012.

**Referência (NBR 6023/2002)**

ROCHA, Ricardo Rayan Nascimento; SANTOS, Pedro Lazaro dos. O desenvolvimento sustentável no discurso universitário em Parnaíba-PI: desvendando mitos. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 3 (Número Especial), p. 82-105, 2014.